

Globethics Repository



Da sociedade da informacao a coabitacao cultural [From the information society to cultural cohabitation]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	IHIU On-Line
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-16 19:51:01
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163401

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO À COABITAÇÃO CULTURAL

*Realizou-se na semana passada, em Genebra, a Cúpula Mundial da Sociedade da Informação pelas Nações Unidas. Por ocasião desse evento, Dominique Wolton publicou – com o título acima – no **Libération**, 8-12-03 o artigo que abaixo reproduzimos. Para mais informações sobre este evento confira abaixo a editoria “Deu nos Jornais”. D. Wolton é pesquisador e diretor do Laboratório de Comunicação e Política do CNRS/França (Centro Nacional de Pesquisa Científica). Especialista em televisão e em novas tecnologias da comunicação, é autor de uma série de livros. Entre as suas obras publicadas em português estão **Elogio do Grande Público**. São Paulo: Ática, 1996; **Pensar a Comunicação**. São Paulo: Difel, 1999; **Internet e depois?** São Paulo: Sulina, 2003. Seu mais recente lançamento em francês se intitula **L'autre mondialisation**. Paris: Flammarion, 2003. A tradução e os subtítulos são dos colegas do Cepat aos quais agradecemos.*

Os acontecimentos se sucedem rapidamente. Neste outono, em torno de uma reflexão crítica sobre o estatuto da informação, vários encontros se sucederam. Assim foi em Cancún (setembro), depois no Fórum Social Europeu, em Paris (novembro), e agora no primeiro encontro mundial da ‘sociedade da informação,’ que acontece em Genebra. Do que trata esse encontro? Do estatuto da indústria da informação no contexto da mundialização. Já faz uns quinze anos que a ‘sociedade da informação’ é considerada como um complemento político da mundialização econômica e como o modelo futuro das sociedades. Desde que a informação se tornou central em todas as atividades e onipresente, graças ao desempenho das redes, é vista como o modelo de uma nova economia capaz de reduzir o fosso Norte-Sul e como portadora da emergência de um papel social e cultural de redução das desigualdades.

A informação não é neutra

Esta proposição, aparentemente simples, corre o risco de ser contestada, por duas fortes razões. A primeira é que a informação não é universal. Não se trata de uma categoria natural, ela [a informação] vem sendo construída para fins particulares e mesmo que milhares de informações trafeguem pelos computadores, elas não têm a mesma definição, nem o mesmo sentido. A ‘palavra’ redescobre realidades radicalmente diferentes na economia, na sociedade, na política, na ciência e na cultura. A informação não existe em si mesma, ela traz consigo valores, interesses e uma representação da sociedade que varia no tempo e no espaço, como também nos relatórios do poder. Ela obedece a critérios de verdade e de falsidade que não são os mesmos e que dependem das áreas culturais. A informação é um dos conceitos mais polissêmicos que existe. Se, no Ocidente, a informação é, cada vez mais, vista como símbolo da liberdade individual e de acesso ao mundo, em muitos países, não se vêem as coisas dessa forma, o sentido e o valor da informação não têm o mesmo valor. Nossa concepção universal da informação não é inseparável de um certo ocidentalismo e reforça, neste momento, a supremacia do Norte, ainda que o Sul tenha razão. Além disso, a abundância de informação que temos é proporcional às desigualdades.

A informação é tornada ideologia

Na realidade, a sociedade da informação é vista com o olhar dos engenheiros, para quem o essencial é o desempenho técnico. Portanto não se trata de trocar informações para que as pessoas se entendam. Senão, como explicar que, depois de meio século, onde o volume da produção e da troca de informações literalmente explodiu, não se tenha conseguido aproximar as pessoas? A sociedade de informação supõe a neutralidade do receptor. Porém, a pessoa que recebe as informações não é neutra e tampouco a informação é universal... Na realidade, o conceito da 'sociedade da informação' foi um momento de utopia, daqueles que sonharam mudar o mundo por meio dos computadores, como em outros tempos se pensou em mudar o mundo por meio do rádio e da televisão. Por que não? Porém, o problema é que na seqüência a 'informação' é tornada ideologia pelos industriais, pelos programadores e pelos tecnocratas.

O correto seria falar de 'sociedade da comunicação'

A informação não é mais um conceito político, mas se torna uma ideologia técnica, onde ela, a técnica, com o seu poder, cria o seu modelo de sociedade. Na realidade, temos o resultado contrário ao que aconteceu historicamente: onde foram os projetos políticos e culturais que deram sentido a revolução técnica. Vimos isso com a imprensa, foi a mídia que contribuiu para a emergência da democracia liberal e, em seguida, para a democracia de massas. Hoje, o conceito de 'sociedade da informação' se tornou uma questão de vocabulário técnico, e não político. A rede na internet espera por uma utopia política. Elas não são capazes de por si só, criar isso.

O correto seria falar de 'sociedade da comunicação', para nos darmos conta de que o cerne da questão não está na informação e na transmissão, mas nas condições de sua recepção. Passar da informação à comunicação, significa introduzir o tema da cultura, compreendida como um patrimônio sem fronteiras, mas também, e sobretudo, como um conjunto de meios, da língua, da memória, dos modos de vida, do consumo, dos valores... que permitem os indivíduos compreenderem o mundo no qual vivem e agem. Sair para além da técnica e sua performance e abordar a realidade em sua diversidade.

A sociedade da informação encobre a diversidade cultural

Isso nos conduz à segunda objeção radical a respeito da noção da 'sociedade da informação': o impasse sobre a diversidade cultural na entrada do século XXI. A sociedade da informação encobre a diversidade cultural, porque não há informação sem cultura, e temos informações em um volume enorme, e aqui se coloca ainda mais a questão de sua recepção, a questão da alteridade, da diversidade cultural. A abundância de informação não suprime as diferenças culturais; ela as torna visíveis. A mundialização da indústria cultural pode, portanto, dar nascimento a uma cultura mundial. Assim como o inverso pode ocorrer. Depois da fase de sedução normal, esta mundialização suscita uma demanda de identidade cultural como retorno, colocando diretamente a questão da coabitação cultural. As pessoas não renunciam a sua identidade cultural, ao mesmo tempo que sentem a necessidade de se abrir mais fortemente para o mundo.

Construir uma coabitação cultural – o desafio

Esta é a questão política no início do século XXI: passar de uma problemática dos 'sistemas de informação' à obrigação de se construir uma coabitação cultural em nível mundial. E dentro dessa aprendizagem de coabitação, cada um deve aprender a respeitar o outro. O Norte a respeitar o Sul, bem como o Sul, frente a ele mesmo, e *vis-à-vis* com o Norte. Caso contrário, o

que temos é guerra das culturas. Em face desta nova questão política, onde as diferenças são sempre mais importantes que as semelhanças, os sistemas de informação podem desempenhar um papel, contanto que nos afastemos da visão ingênua e todo poderosa da técnica.

A coabitação cultural implica um projeto político

O caminho é difícil, entretanto, a partir do momento em que todos vêem e sabem das coisas, as identidades culturais demandarão claramente ser reconhecidas, e as desigualdades se tornarão menos toleráveis. O desafio, portanto, é respeitar as identidades culturais, evitando se fechar em si mesmo, é daqui que deriva o etnicismo e comunitarismo. Por isso o conceito de coabitação cultural, para ser construído, precisa ir para além da cultura. Ele implica um projeto político que integre as condições sociais necessárias à cultura. Na realidade, reconhecer a diversidade cultural como horizonte político, nos envia, portanto, à cultura que nos envia à política e essa, ao social. Ela nos exige que façamos uma saída de nós mesmos e nos coloquemos em relação com aqueles que são diferentes. E aqui temos na 'rede' um problema que permanece: ela liga os indivíduos e as comunidades que têm alguma coisa em comum, quando a coabitação cultural reconhece a necessidade de gerar alteridade. De fato, a mundialização da informação não conduz para uma vila global, nem a sociedade em rede, mas a um novo desafio de diversidade cultural. Ela não conduz a uma definição comum de informação, mas à obrigação de gerar as diversidades e alteridade. Essa é uma questão evidentemente política e muito pouca técnica.

'Testes' radicais a serem enfrentados

Com a mundialização se abre a caixa de Pandora. Queremos construir um mercado mundial, ou organizar a coabitação cultural? Queremos vencer as distâncias físicas, ou descobrir a imensidão das distâncias culturais para estabelecermos uma relação de respeito com os outros, sob o risco que o bumerangue se volte contra a mundialização.

Há três testes radicais da passagem da problemática da 'sociedade da informação' à coabitação cultural. Primeiro, regulamentar a internet e limitar a concentração das indústrias culturais mundiais. Depois, evitar que a educação se torna o que está a ponto de se tornar, um mercado mundial de uma sociedade que se reduz a uma administração do sistema de informação interativo. E finalmente, negociar, no interior da OMC, um estatuto particular para as indústrias de informação, da cultura e da comunicação. Em resumo, fazer com que as questões consideradas da informação, cultura e comunicação, integrem o chamado campo da altermundialização.

A coabitação cultural - o paradigma da terceira mundialização

Após a primeira mundialização, aquela em que a ONU se organizou como comunidade internacional, a sociedade da informação corresponde à segunda mundialização, dominada pela lógica econômica. A coabitação cultural constitui o paradigma da terceira mundialização, hegemonizada pela importância da cultura, da sociedade e da política como princípio de arbitragem em face da diversidade do mundo. Pensar a coabitação cultural, é impedir que o sonho da vila global chegue ao pesadelo da incomunicação e da violência cultural. É impedir a 'babelização'. A terceira mundialização revela a irredutibilidade das diversidades culturais e a necessidade de se organizar a coabitação pacífica para se evitar o comunitarismo e permanecer fiel aos ideais democráticos da comunidade internacional.